

ROCHA, René Eberle.¹

¹ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0618-1338>

Autor para correspondência e-mail: reneberle Rocha@gmail.com

Palavras-chave

Thoreau
Natureza
Sociedade
Transcendentalismo
Ambientalismo

Keywords

Thoreau
Society
Nature
Transcendentalism
Environmentalism

Palabras clave

Henry David Thoreau
Naturaleza
Sociedad
Transcendentalismo
Ambientalismo

RESUMO

O presente artigo pretende abordar a noção de natureza e sociedade no pensamento do filósofo do transcendentalismo estadunidense Henry David Thoreau, apontando a influência de suas ideias para o desenvolvimento do pensamento ambientalista da sociedade do pós-segunda guerra. Vê-se o nascimento de diversos movimentos de juventude neste período, sobretudo, do movimento verde transformado em movimento social, tendo na defesa do meio ambiente sua principal preocupação, reivindicando medidas de proteção ambiental, além de uma ampla mudança nos hábitos e valores da sociedade de modo a estabelecer um novo paradigma de vida sustentável. O estudo se baseia em uma obra específica, **Walden: ou Vida nos Bosques**, considerada ainda hoje uma “Ode” ao ambientalismo; obra onde Thoreau procura aproximar o indivíduo da vida bucólica, colocando o homem como ser pensante, capaz de produzir bens para a sobrevivência em completa harmonia com o que a natureza poderia proporcionar.

ABSTRACT

NATURE AND SOCIETY IN THE THOUGHT OF THOREAU: THE TRANSCENDENTALISM TO THE ENVIRONMENTALISM

The intention of this article is address the notion of nature and society in the thought of the american transcendentalism philosopher Henry David Thoreau, indicating the influence of his ideas for the development of the environmental thinking to the post war society. In this period we see the birth of several youth movements, especially the green movement transformed in a social movement, to which the main concern is the defense of the environment, clamoring for environmental protection measures and a broad change in habits and values of the society in order to establish a new paradigm of sustainable living. The Study is based on a specific work, “**Walden; or, Life in the Woods**”, still considered an Ode to environmentalism, work in which Thoreau seeks to approximate the buclic's life individual, placing the man as a thinking being, capable of producing goods for survival in total harmony with what nature could provide.

RESUMEN

NATURALEZA Y SOCIEDAD EN EL PENSAMIENTO DE THOREAU: DEL TRANSCENDENTALISMO AL AMBIENTALISMO

El presente artículo pretende abordar la noción de naturaleza y sociedad en el pensamiento del filósofo del trascendentalismo estadounidense Henry David Thoreau, apuntando a la influencia de sus ideas para el desarrollo del pensamiento ambientalista de la sociedad de la posguerra. Se ve el nacimiento de diversos movimientos de juventud en este período, sobre todo, del movimiento verde transformado en movimiento social, teniendo en la defensa del medio ambiente su principal preocupación, reivindicando medidas de protección ambiental, además de un amplio cambio en los hábitos y valores de la sociedad de modo a establecer un nuevo paradigma de vida sostenible. El estudio se basa en una obra específica, **Walden: la Vida en los Bosques**, considerada todavía hoy una “Oda” al ambientalismo; la obra donde Thoreau busca acercar al individuo de la vida bucólica, colocando al hombre como ser pensante, capaz de producir bienes para la supervivencia en completa armonía con lo que la naturaleza podría proporcionar.

¹René Eberle Rocha, é licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bacharel em Gestão Ambiental pelo Instituto Vianna Junior, Mestando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

As ações dos homens são demasiado fortes. Mostrem-me um homem que não tenha sido vítima das suas próprias ações.
RALPH WALDO EMERSON

E INTRODUÇÃO

Em 6 de agosto de 1945, um acontecimento de ordem catastrófica sacudiu o mundo. O lançamento de duas bombas nucleares nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. O bombardeiro norte americano B29 batizado de “*Enola Gay*” decolou do aeroporto militar Tinian, nas Ilhas Marianas, lançando sobre a cidade japonesa a mais nova arma de destruição em massa, símbolo do poderio estadunidense. A explosão sobre Hiroshima provocou a morte de 140.000 civis e efeitos degenerativos decorrentes da radiação em curto e longo espaço de tempo. Três dias depois, em 9 de agosto de 1945, uma segunda bomba nuclear, a “*Fat Man*”, foi lançada pelo bombardeiro B-29 sobre a cidade de Nagasaki provocando a morte de mais de 70 mil civis, causando efeitos a curto e longo prazo em outros milhares, pondo fim à Segunda Guerra Mundial (MOURÃO, 2005).

Este importante acontecimento acordou a humanidade para a barbárie sem limites a que se poderia chegar e abriu caminho para questões até então pouco discutidas na sociedade até 1945. De fato, após os anos de horror da Segunda Guerra Mundial, podemos dizer que a sociedade dos anos 50 estava se reorganizando, buscando uma maior e melhor expectativa e qualidade de vida através do consumo, do moderno, luxuoso e futurista, causando seus primeiros impactos ao ambiente (MCCORMICK, 1989). No entanto, muitos indivíduos negavam esse modelo de mundo, que apesar de “novo”, carregava os mesmos vícios civilizatórios do pré-guerra. Muitos jovens passaram a contestar a sociedade, os valores tradicionais, militares, econômicos, culturais e passaram a querer viver em um mundo saudável, de paz e afluência (BRANDÃO; DUARTE, 1991).

A Segunda Guerra Mundial não só definiu o mundo bipolar, dominado pelos Estados Unidos (capitalista) e União Soviética (comunista), como também definiu as bases de um novo discurso. Gastos astronômicos com armamentos, tecnologia atômica que poderia acabar com a vida no planeta, centenas de milhares de vidas ceifadas com guerras, fome e doenças, diferenças descomunais entre países ricos e pobres eram a tônica do discurso pacifista e humanista que buscava a harmonia entre as sociedades, as instituições e a natureza. (CAPRA, 2011).

Estas ideias surgidas principalmente entre a juventude do pós-guerra, especificamente nos anos 50, ganharam força e se tornaram movimentos sociais diversos nos anos 60 (PEÇANHA, 1988). Os anos 60 apesar de representarem um período de grande prosperidade nos países ricos, foi também década de questionamento do modelo denominado “*american dream*”. Nesse período ocorreram também grandes movimentos, como o movimento hippie, o rock-and-roll, a liberação sexual e as drogas, o feminismo, os movimentos dos negros e homossexuais. É nesse “caldo” cultural que surge o que chamamos de “Ambientalismo”, que também pode ser chamado de Movimento Ecológico ou Movimento Verde. O Ambientalismo, propriamente dito, surge com a noção de que o mundo é uma “aldeia global”, favorecendo uma compreensão da vida na terra como uma realidade unificada e do meio ambiente como um patrimônio de todos, acima de todos os territorialismos, de toda a política e de todas as culturas particulares (PSICOEDUC, 2012).

A vigorosa emergência do movimento surpreendeu os sociólogos, que, de modo geral, defendiam o modelo civilizatório tradicional e não dispunham de um corpo teórico consistente para lidar com o assunto. Segundo (TAVOLARO, 2001,p.13)

Presume-se que existam duas explicações para o fato de os sociólogos deixarem a questão ambiental como marginal em seus empreendimentos teóricos. Uma delas refere-se às falhas do determinismo geográfico e biológico e sua visão conservadora para o entendimento das mudanças e conflitos sociais; a outra diz respeito ao próprio pensamento vigente que, em meados do século XX, enfatizava a literatura sociológica de modernização. Certamente havia críticos ao paradigma desenvolvimentista, como os sociólogos marxistas, mas, mesmo assim, tendiam a ver a temática ambiental como um desvio das questões mais cruciais do humanismo.

Mesmo sociologicamente marginal, o tema não deixa de ganhar espaço. Em 1962 surge o livro Primavera Silenciosa de Rachel Carson, que alertava sobre os efeitos danosos de inúmeras ações humanas sobre o ambiente, como os pesticidas por exemplo. Já em 1968, nasce o Conselho para Educação Ambiental no Reino Unido, além do Clube de Roma, que produziu o relatório “Os Limites do Crescimento Econômico” em 1972,

no qual se estudou ações para se obter, no mundo, um equilíbrio global, como a redução do consumo, tendo em vista determinadas prioridades sociais (SCOTTO et al, 2007). Aconteceu neste mesmo ano na cidade de Estocolmo, capital da Suécia, a Conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente, tendo como objetivo, a conscientização da sociedade, a melhora em relação ao meio ambiente para atender as necessidades da geração presente sem comprometer o futuro das gerações futuras (MCCORMICK, 1989). Como consequência da Conferência, neste mesmo ano de 1972, a ONU criou um organismo denominado Programa das Nações Unidas pra o Meio Ambiente – PNUMA, sediado em Nairóbi, Quênia (LOUREIRO et al, 2010).

Nos anos seguintes até os dias de hoje, o tema evoluiu ganhando espaço, se complexando, internalizando-se, legitimando-se, institucionalizando-se em diversas estruturas da sociedade como o mundo do trabalho, político, acadêmico e midiático – considerado por muitos² como um paradigma moderno-contemporâneo, um tema de ordem do dia da sociedade, sendo chamado de “questão ambiental”. Sobre essa questão não faltam livros, estudos com alertas a respeito, relatórios sobre aquecimento global, conferências internacionais de grande divulgação, mobilizando incontável número de pessoas, associações e chefes de estado, congressos internacionais e nacionais e também, reportagens na imprensa falada, escrita e televisiva nos mostrando como esta questão vem se legitimando como estrutura ideológica, sistêmica e social (MEDAUAR, 2011).

Através de uma análise histórico-sociológica, podemos ver mudanças a partir do pós-guerra: o nascimento de movimentos sociais dos anos 50, 60 e 70 até os dias de hoje com grandes conferências de meio ambiente da ONU com a participação de dezenas de nações, debatendo o futuro do planeta e políticas a serem adotadas. Vemos a cristalização dos movimentos sociais e do Movimento Verde que só foi possível a partir de ideias surgidas décadas antes, especificamente em meados do século XIX, com o transcendentalismo Estadunidense exposto principalmente por dois grandes intelectuais da modernidade Americana, Ralph Waldo Emerson, o qual desenvolveu a filosofia transcendentalista Estadunidense e Harry David Thoreau, o seu maior expositor, entre muitos, um dos responsáveis por disseminar nas gerações pós-segunda guerra, os ideais libertários, e por isso mesmo, sujeito principal deste trabalho.

Aqui é apresentado o transcendentalismo como filosofia influente no pensamento de Thoreau. Filosofia esta, desenvolvida principalmente por Ralph Waldo Emerson, amigo e influente na vida intelectual de Thoreau. É apresentado também uma das principais obras do autor: **Walden: ou vida nos bosques**, obra que de alguma forma influenciou gerações de jovens a buscarem um planeta melhor e a resistirem contra a ideia de mundo mecanicista, meritocrática e predatória. Mundo este julgado como incapaz de suprir suas necessidades materiais, morais, éticas, físicas e espirituais (PEÇANHA, 1988).

HENRY DAVID THOREAU E O TRANSCENDENTALISMO DE RALPH WALDO EMERSON

O Romantismo, movimento artístico, político e filosófico surgido em meados do século XVIII na Alemanha e que logo se espalhou pelo mundo influenciando muitas escolas culturais. O ideário romântico era permeado pela dimensão estética e espiritual da natureza e pela importância da mente e do espírito individual (USHISTORY, 2013). Este movimento chega aos Estados Unidos por volta de 1820, dando as bases para a filosofia transcendental. Segundo a teoria romântica, o “eu” e a natureza eram uma coisa só, a autoconsciência não era um caminho egoísta, sem saída, mas uma forma de conhecimento que ampliava o universo, onde o “eu” vibrava em harmonia com a humanidade (MB-SOFT,2013).

O transcendentalismo estadunidense foi uma reação contra o racionalismo do século XVIII, foi uma filosofia liberal que privilegiou a natureza em lugar da estrutura religiosa formal, a percepção individual em lugar do dogma e instinto humano em lugar da convenção social, podendo ser chamado também de filosofia idealista (TRANSCENDENTALISM-LEGACY, 2013). O movimento estava baseado na crença fundamental, na unidade do mundo e de Deus. A alma de cada indivíduo estava identificada com o mundo, sendo um microcosmo do próprio mundo. A base ideológica do movimento transcendental se fundamentava numa instituição religiosa – a Igreja Unitária – e numa Universidade – Harvard e num ideal – o humanismo renovado e purificado das influências iluministas (BENEVIDES, 2013).

Oficialmente o transcendentalismo estadunidense³ se inicia com a fundação do Transcendental Club

²Guiddens (1991); Capra (2011); Eli da Veiga (2007); Scotto et al (2007); Beck (2011); Loureiro et al (2010); Hannigan (2009); Moran (2011)

³Chamado de “Transcendentalismo Estadunidense” para distingui-lo dos outros usos da palavra transcendental de Platão, Kant e românticos Alemães influenciados por Kant. <http://literaturanorteamericana2012fe.wordpress.com/2012/11/19/transcendentalismo-por-lucivania/>

em Cambridge (Massachussets) em 1836, por um grupo de intelectuais entre eles Ralph Waldo Emerson (23 de Maio de 1803 - 27 de Abril 1882). Emerson não foi só o pensador principal do transcendentalismo estadunidense, foi também um dos principais poetas, escritores, ensaístas, e filósofos de sua época (meados do século XIX) nos EUA. Tinha um enorme senso religioso e muitas vezes polêmico, sendo acusado de subverter o cristianismo (TRANSCENDENTALISM-LEGACY, 2013). Emerson foi persistente em sua ênfase no nascimento do individualismo Americano inspirado na natureza. Algumas de suas ideias ganharam destaque como a necessidade de uma visão nacional nova; o uso da experiência pessoal; a noção de sobrealma cósmica; e a doutrina da compensação (AMERICA.ORG, 2013).

Uma das maiores obras de Ralph Waldo Emerson é **Nature** (1836), um divisor de águas no momento em que o transcendentalismo se torna um grande movimento cultural. Neste ensaio, revelou as suas ideias sobre um sentido ideal de vida alcançado pelo ser humano através da introspecção, onde podia abdicar de convenções pré-estabelecidas. A proposta de transcendentalismo de Emerson pretendia ser uma espécie de síntese de várias tendências dentro do próprio transcendentalismo (USHISTORY, 2013).

Emerson viveu em Concord, cidade para a qual se mudou no ano de 1834, uma pequena vila da Nova Inglaterra, distante 32 quilômetros de Boston. Foi em Concord, no final de 1837, que Emerson, na época com trinta e quatro anos, conheceu o jovem Herry David Thoreau. Thoreau mostrou a Emerson seu diário que um de seus professores em Harvard, William Ellery Channing, o havia incentivado a escrever (DRUMMOND, 1986). Ele havia começado a escrever em outubro de 1837, e isto se tornou uma maneira importante de desenvolver seus pontos de vista e a prática de expressá-los. Aparentemente Emerson ficou impressionado com o dom de Thoreau para a expressão e convidou-o para participar dos encontros literários conhecidos como Clube Transcendental, na casa de Emerson em Concord (POWELL, 2009). Além de uma grande amizade entre os dois, este evento foi importante para incentivar a produção intelectual de Thoreau.

Thoreau sem dúvidas é uma das figuras mais emblemáticas da filosofia mundial, em especial, da literatura estadunidense do século XIX, século ao qual nasceu e morreu, persistindo ainda hoje muito do seu pensamento, refazendo-se e ganhando cada vez mais espaço. 100 anos atrás Henry David Thoreau era visto como um discípulo menor de Ralph Waldo Emerson. Cinquenta anos atrás se pensava que ele fosse um azarão que estava rápida e merecidamente em vias de ser esquecido (DRUMMOND, 1986). Hoje ele é amplamente cotado como um dos gigantes no panteão americano e sua fama é cada vez mais crescente. Há um consenso sobre o fato de que ele diz mais ao nosso tempo do que ao seu próprio. Nascido em 12 de julho de 1817 em Virginia Road, em Concord, Massachussets, foi aluno de Harvard, posteriormente foi seguidor de Emerson e do Transcendentalismo desenvolvendo ideias e ensaios como **Walden: Vida nos bosques** e **Desobediência Civil**, esta última, influenciando grandes figuras do século XX como Martin Luther King, Gand e Leon Tolstoy (POWELL, 2009). Apesar de morrer obscuro em 6 de maio de 1862, com apenas 44 anos de tuberculose, Thoreau foi um dos principais autores influentes de movimentos políticos, humanistas, do *New Age* e Ambientalismo nos anos 60. Esse artigo pretende exatamente aproximar o pensamento de Thoreau à questão ambiental dos dias de hoje. A tendência recente tem sido enfatizar os escritos naturalistas de Thoreau acima de tudo, sem dúvidas por consequência dos movimentos ambientalistas do passado e da atualidade.

WALDEN: ODE AO AMBIENTALISMO

A obra **Walden: ou a vida nos bosques**, é uma das grandes obras primas de Thoreau. O livro conta a experiência que Thoreau teve nos dois anos de solidão vividos nas proximidades do lago Walden, na zona rural da cidade de Concord. Durante esse período, ele não foi propriamente um ermitão, visto que frequentava sua aldeia e também recebia muitas visitas (DRUMMOND, 1986). Publicado em 1854, Walden é um divisor de águas, pois muito antes dos movimentos ecológicos começarem a surgir, Thoreau já pregava a vida em harmonia com a terra, afirmando a necessidade de mudança do padrão de vida que as pessoas do seu tempo tinham com a natureza.

Em 1844, insatisfeito com a carreira de escritor, Thoreau precisou inventar seu próprio caminho. Ao invés de mudar para um grande centro cultural ou ir à Europa, como faziam seus contemporâneos, resolveu a inquietude interna domesticamente. Por influência de um amigo, já estava decidido a morar sozinho no ano de 1845, construiu uma cabana em seu lugar favorito: às margens do lago Walden, localizado na floresta próxima a Concord. Segundo Drummond (1986), seu objetivo era o de demonstrar que era possível ter uma vida de pouco trabalho, muita reflexão, leitura, escrita e satisfação. Thoreau chama atenção para o desenvolvimento do

ócio criativo em detrimento do mecanicismo e meritocratismo presentes na sociedade estadunidense.

Em uma de suas passagens podemos ver esse aspecto presente em Walden; (2007,p.2)

Vejo rapazes, concidadãos meus, cuja má sorte foi terem herdado fazendas, casas, celeiro, gado e instrumentos agrícolas, porque essas coisas são mais fáceis de adquirir do que descartar-se delas. Melhor seria se tivessem nascido em pasto aberto e sido amamentados por uma loba a fim de que pudessem enxergar melhor a terra a que foram chamados a cultivar. Quem os fez servos do solo? Por que comeriam de seus vinte e quatro hectares quando o homem está condenado a comer apenas a porção de seu barro? Por que começariam a cavar seus túmulos logo que nascerem?

A resposta para esses questionamentos é mais que preciso. Segundo Thoreau (2007), os seus concidadãos teriam é que viver a vida, deixando todas essas coisas para trás e continuando a viver da melhor forma que puderem. A crítica de Thoreau foi ao nascente mecanismo puritano baseado na ética do labor, antecipando toda uma linha de pensamento da juventude dos anos 50 e 60, que se caracterizava por contestar a ordem estabelecida em favor de uma maior plasticidade na conduta, nas emoções, e no intelecto; optando por uma nova forma de vida e uma nova forma de representá-la, rompendo este padrão mecanicista e meritocrático da sociedade estadunidense (PEÇANHA,1988).

Para Thoreau, os homens trabalham à sombra de um erro, lançando ao solo para adubo o que têm de melhor. Por uma sina ilusória, vulgarmente chamada necessidades, desgastando-se a amontoar tesouros que a traça e a ferrugem estragarão e que surgem ladrões para roubar. “É uma vida de imbecis, como perceberão ao fim dela, se não antes”. Thoreau (1985) questionava as preocupações artificiais, as tarefas superfluamente ásperas, que não pode colher os frutos mais saborosos da vida, e o fato dos indivíduos desprezarem o lazer na busca esquizofrênica pelo trabalho e acumulação desenfreada de capital e propriedades. Neste sentido, vemos um intercâmbio direto da ideia de sustentabilidade presente hoje em nossa sociedade, que não leva em consideração só os aspectos biológicos, naturais e ambientais – é também terreno para os aspectos sociais como: pobreza, economia, governança, saúde, padrões de consumo e produção, educação, demografia, trabalho digno, diversão, arte e etc (THOREAU, 2007).

As grandes mudanças ocorridas nos anos 50 e 60 partiram de um grande desespero por mudanças daquela juventude, que percebendo que estavam diante de um sistema inviável, alienante e necrófilo e que não lhe proveriam uma adequada orientação psicológica e ética, são obrigados em desespero, a explorar profundamente seu íntimo para chegar a uma nova base de orientação, integração e significação (PEÇANHA,1988). Thoreau (2007,p.3), já havia feito essa análise em Walden quando apontava um desespero cotidiano dos indivíduos que residiam em Concord;

Os homens, em sua maioria, levam vidas de sereno desespero. O que se chama resignação é desespero crônico. Vão das cidades sem perspectiva para o campo sem futuro, e terminam por se consolar com a valentia das matas e dos ratos almiscareiros. Uma desesperança estereotipada, mas inconsciente esconde-se mesmo sob os chamados jogos e diversões da humanidade. Não há graça neles já que sucedem ao trabalho.

Tanto para Thoreau, como para a juventude pós-segunda guerra, a descrença nos conceitos das gerações anteriores imperava. Em uma passagem Thoreau (2007, p.4) faz essa caracterização:

Na prática, os velhos não têm conselhos muito importantes a dar aos jovens, a experiência deles sendo parcial e suas vidas míseros fracassos que procuram justificar, além da possibilidade de que lhes reste alguma fé que contradiga toda a experiência, e que, somando tudo, sejam apenas um pouco menos jovens do que já foram um dia. Há mais de trinta anos que vivo neste planeta e ainda estou por ouvir uma palavra que seja, de valor, ou um conselho razoável vindo de meus superiores. Nunca me disseram nada e provavelmente não podem me dizer nada que valha a pena.

Este homem da época de Thoreau tem a crença nas capacidades racionais do indivíduo e o interesse concreto e empírico pela natureza, vista separadamente do homem desde a dicotomia cartesiana entre sujeito e objeto do século XVII e, portanto, objeto da conquista humana que se valida pelo poder adquirido sobre ela (PEÇA-

NHA, 1988). Esta ideia de dominância da natureza pelo homem já na época de Thoreau, na geração dos anos 50 e 60 do século XX e nos dias atuais, é a grande responsável pelos desacertos entre a sociedade e a natureza.

Pelos fins de março de 1845, Thoreau pediu emprestado um machado e partiu para os bosques próximos ao lago Walden, perto de onde ele pretendia construir sua casa. Neste momento ele faz uma descrição romântica e sublime da biota da região, transcrevendo em literatura bucólica. O processo de construção de sua cabana, segundo Thoreau (2007, p.17), foi sem muitos pensamentos eruditos e o que se vê é um enorme senso contemplativo da natureza.

(...) a maior parte do tempo quando regressava a casa seguindo o caminho da estrada de ferro, seus montes de areia amarela se estendiam cintilando na atmosfera enevoada, os trilhos brilhavam ao sol da primavera, e eu escutava a cotovia, o tirano e outros pássaros regressarem para dar início a mais um ano conosco (...)

O que percebemos nas passagens bucólicas é que Thoreau aproveitou todos os momentos ao ar livre para observar e “sentir” tudo ao seu redor, observar minuciosamente os processos da natureza ao qual se colocava inserido como indivíduo racional, pensante e capaz de produzir bens para a sua sobrevivência em completa harmonia com o que a natureza poderia lhe proporcionar (THOREAU, 2007,p .17).

Meu lugar de trabalho era uma encosta agradável, coberta de pinheiros atrás dos quais se via o lago e um pequeno campo em meio aos bosques onde brotavam pinheiros e nogueiras. O gelo no lago ainda não se dissolvera, embora houvesse aqui e ali espaços vazios e estivesse todo de cor escura e cheio de água. Houve algumas rajadas leves de vento e neve nos dias em que trabalhei lá.

Este exercício de racionalizar de forma sublime a natureza, o fez caracterizar cada vez mais negativamente o modo como os seus concidadãos levavam o seu dia-a-dia. Para o autor de Walden (1985), os homens vivem em estado de constante letargia, o que os mantém em condição baixa e primitiva, porém, para ele, se os homens sentissem o ímpeto da primavera despertando-os, necessariamente se levantariam para uma vida mais elevada e espiritual. Um fator importante em sua obra nas páginas iniciais é o esforço intelectual desprendido para demonstrar que é possível ao indivíduo, viver na natureza por contra própria, desde que o indivíduo se propusesse desprender dos conceitos sociais pré-estabelecidos. Os movimentos de juventude pós-segunda guerra, em especial, o Movimento Verde, constituíram clara manifestações de oposição contra essa letargia filosófica, baseada no mundo mecanizado e consumista – os jovens queriam aproveitar a vida, como disse Thoreau (2007, p.39): “sugar toda a medula da vida”.

Thoreau despendia grande valor à natureza, além de respeito, vemos também uma profunda admiração inclusive para com os seres vivos e apesar de não expressar claramente sua opção alimentar, em algumas passagens podemos observar citações subjetivas em favor do vegetarianismo (THOREAU,2007,p.28).

Há certo grupo de céticos que às vezes me fazem perguntas do tipo se acho que posso viver me alimentando exclusivamente de vegetais; e para atingir a raiz do assunto de uma vez por todas — porque a raiz é a fé — acostumei-me a responder-lhes que posso viver até à base de pregos. Se não podem entender isso, não podem entender grande parte do que tenho a dizer.

Além deste fator, Thoreau também foi um dos grandes defensores do ócio criativo. Considerava demasiadamente prejudicial o tempo, dinheiro e energias desperdiçadas em função do trabalho e estruturas que a vida em sociedade exigia, estruturas que ele considerava desnecessárias para se viver. Segundo ele, durante mais de cinco anos, manteve-se, graças unicamente ao trabalho de suas mãos, e descobriu que trabalhando cerca de seis semanas por ano, poderia cobrir todas as despesas necessárias à sua subsistência. Os invernos inteirinhos, bem como grande parte dos verões, ele tinha livres e desimpedidos para o estudo (THOREAU, 2007).

Dentro deste contexto, podemos citar os hippies dos anos 60. Os Hippies foram um grupo dentro do Movimento Verde que levou essa ideia ao extremo. Formado por jovens ricos e de classe média, recusaram as desigualdades, as injustiças e a segregação racial na sociedade americana, viviam em comunas rurais e em contato com a natureza, vivendo e produzindo independente do mercado capitalista (BRANDÃO; DUARTE, 1991). Não foi por acaso, que em uma fazenda de Bethel, perto de Nova York, milhares de jovens se reuniram

para cantar, dançar e manifestar o que mais queriam do mundo naquele momento: paz. O festival de Woodstock foi a celebração de um movimento que se tornou símbolo da geração de 1960 e 1970. Thoreau enfatiza este aspecto, (2007, p.30).

Para resumir, estou convencido, por fé e experiência, que a automanutenção neste mundo não é um sofrimento, mas um passatempo, se a pessoa viver de modo simples e sábio; tanto que as ocupações dos povos mais simples são os esportes dos mais sofisticados. Não é necessário que um homem ganhe a vida com o suor de seu rosto, a não ser que ele sue muito mais que eu.

Para Thoreau (2007), se fôssemos de fato restaurar o gênero humano por meios genuinamente indígenas, botânicos, magnéticos ou naturais, caberia, em primeiro lugar, sermos nós mesmos simples e bons como a natureza, dissiparmos as nuvens que pendem sobre as frentes e enchermos com um pouco de vida os poros. A sua simplicidade está ligada intimamente a uma liberdade natural, dizendo que enquanto for possível, viver livres e sem compromissos. Faz pouca diferença estar recolhido numa fazenda ou numa prisão municipal.

Ser naturalmente bom sem imposição de instituições, viver simples com o que a natureza e o trabalho podem proporcionar e ser livre, acima de tudo. Thoreau buscava a mais ampla liberdade e a sua ideia para conseguir tais feitos foi construir uma cabana a poucos metros no lago Walden, passando dois anos vivendo, se relacionando com a natureza, pensando e escrevendo sobre a vida simples. Segundo o próprio Thoreau (2007, p.36).

(...) não me proponho escrever uma ode ao desânimo, mas gargantear com o vigor de um galo matutino empertigado no poleiro, nem que seja apenas para acordar os vizinhos.

Ao invés de ser uma Ode ao desânimo, coisa que Thoreau não queria; Walden se tornou mesmo que indiretamente uma Ode ao ambientalismo, estrutura esta só racionalizada muitas décadas depois, e que podemos problematizar suas bases filosóficas ligando-as à Walden, compartilhando-a com obras que retratem dos movimentos da juventude dos anos 50 e 60, em especial o Movimento Verde.

A VIDA NOS BOSQUES: DO PARAÍSO À CRISE

No início da década de 1990, um jovem estadunidense de classe média alta, recém-formado em História e Antropologia, decide largar seu modo de vida doando todo o seu dinheiro para instituições de caridade, partindo sem avisar a família em uma viagem sem volta, sobrevivendo apenas com o que encontrava na natureza e com ajuda de amigos que cruzavam o seu caminho (KRAKAUER, 1998). Christopher McCandless nutria uma profunda indiferença quanto à sociedade em que vivia e quanto às mentalidades e materialismos da época, essa indiferença transformada em inquietude e raiva foi fundamental para a sua tomada de decisão. Segundo Jon Krakauer (1998), Chris McCandless partiu a pé em direção ao Oeste Americano, adotando um novo estilo de vida, no qual era livre e assumia o nome de Alexander Supertramp, seguindo os ideais de Henry David Thoreau, Leon Tolstói e Jack London, em busca de experiências novas e enriquecedoras. Após um ano e meio de viagens, conhecendo pessoas, lugares e tendo várias experiências, McCandless foi encontrado sem vida em um trailer no Alasca possivelmente⁴ por inanição (KRAKAUER, 1998).

Em 1998 o escritor John Krakauer adaptou a experiência de McCandless para a literatura. O Livro foi vendido para vários países permanecendo na lista dos mais vendidos do New York times por dois anos. **Into the Wild** foi adaptado para o cinema pelo diretor Sean Penn e lançado em 2007 (KALAPALO, 2013). A experiência transcendente e trágica do jovem Christopher McCandless foi uma tentativa contemporânea de reproduzir o que Henry David Thoreau havia feito na modernidade. Leitor e fã de Thoreau, o jovem levou Walden aos limites, conjugando idealismo, romantismo, transcendentalismo e contradição. Em uma tentativa de aplicar a filosofia à realidade, fugindo da sociedade meritocrática, consumista e com valores degenerados. McCandless queria se reinventar. Assim como Thoreau queria reinventar a forma como o gênero humano leva a vida.

A obra de Thoreau não foi só uma auto-biografia. A obra contém tanto uma declaração de independência

⁴Jon Krakauer acredita que McCandless morreu por ingerir sementes mofadas de batata silvestres (*Hedysarum alpinum*), que McCandless mencionou nos seus registros, sendo os efeitos devastado para o organismo humano.

peçoal, uma experiência social e uma viagem de descoberta espiritual, como também um manual para a auto-suficiência (DRUMMOND,1986). O que se pode ver em 1854, ano de publicação de Walden com os anos 60 do século XX, é a procura pulsante tanto de Thoreau, como desta juventude por uma renovação social através da renovação espiritual (PEÇANHA, 1988).

No documentário do Discovery Channel **Walden; ou, A Vida nos Bosques (Henry D. Thoreau)**, 2012⁵ (legendado em português), Thomas Blanding, estudioso especialista em Thoreau do *Independent Thoreau Scholar*, afirma que Thoreau e seus amigos transcendentalistas eram místicos, acreditavam em uma relação direta com Deus, acreditavam em uma grande alma universal, em uma super alma que permeia toda a criação – Thoreau em especial, acreditava que a conexão de Deus com os indivíduos se dava através da natureza e estava convencido que podia encontrar Deus nas florestas, nos lagos, rios e nos animais.

Walden, portanto, se torna um manifesto poético contra a civilização industrial, que então ganhava força nos Estados Unidos. Perante a intensificação da complexidade da vida social estadunidense, derivada do crescimento exponencial da industrialização e urbanização, Thoreau, insatisfeito com o modo de vida na sociedade e procurando eliminar o desperdício e a ilusão deste, propõe o retorno ao simples. Neste sentido, percebemos a intrínseca relação entre os dois contextos – sendo estas características também objeto de crítica da geração dos anos 60 (DISCOVERY, 2012).

Segundo Maria Helena Simões Paes (1992), não houve até então nenhuma contestação de juventude da grandeza da geração dos anos 60. Ao lado dos *hippies* outros grupos de jovens envolvidos em outras manifestações chamadas de contracultura questionavam pacificamente ou violentamente o mundo em que viviam. Grande parte destes jovens da nova esquerda, universitários estadunidenses tinham como referência principal as ideias de Herbert Marcuse, filósofo da escola de Frankfurt, um dos grandes críticos da sociedade industrial. Marcuse afirma que esta sociedade é irracional como um todo e, embora ela se apresente a personificação da razão, é extremamente autoritária com as diferenças, sendo suas formas de controle novas e agradáveis, levando-nos a viver uma falta de liberdade confortável (PAES, 1992).

Segundo a historiadora (1992), a recusa ao sistema por parte destes jovens deu origem a filosofia do *drop out* ou (*cair fora*) da família, da cidade, do racionalismo, enfim, da repressão. Tentar a vida comunitária, voltar à natureza, a busca por novas descobertas, sendo essa busca a explicação para o uso de drogas alucinógenas como meio de expandir a mente e alargar a consciência – a diferença fundamental para Thoreau que buscava a elevação da mente por vias racionais e divinas. Ainda neste contexto havia o misticismo oriental, (presente também em Thoreau), fortemente difundido entre os *hippies*, outra forma de apreender a realidade, uma tentativa de resgatar a individualidade em um mundo à parte, sem injustiças e violências. Tanto os jovens dos anos 60 quanto o jovem McCandless dos anos 90, fizeram o que Thoreau se propôs a fazer muitas décadas antes, abdicar da sociedade considerada doente, degenerada e buscar a purificação na natureza por meios transcendentes.

Assim sendo, inspirado pelo transcendentalismo, Henry David Thoreau em 1845 retira-se para a floresta, onde constrói pelas suas mãos os seus móveis e a sua própria casa, local onde começa a viver apenas com o mínimo necessário à sobrevivência e em intenso contato com a natureza.

Quando pela primeira vez fixei residência nos bosques, isto é, quando comecei a passar as noites e os dias lá, o que, por acaso, ocorreu no dia da Independência, a 4 de julho de 1845, minha casa não estava preparada para o inverno e não passava de um refúgio contra a chuva, sem reboco ou chaminé, as paredes feitas de ásperas tábuas castigadas pelo tempo e com frestas largas, que a tornavam fria durante a noite (THOREAU,2007,P.36).

Thoreau viveu isolado da sociedade, mas não como um ermitão completo, ele recebia visitas e também as fazia, mas sim com o propósito de obter uma maior compreensão da sociedade e de descobrir as verdadeiras necessidades essenciais da vida. Através da sua própria experiência que durou dois anos, Thoreau tanto pôde confirmar que uma vida simples e humilde é viável em termos financeiros, como também descobrir uma nova visão quase mística do Homem: em pleno contato com a natureza e com os livros (THOREAU, 2007). É fundamental explicitar o aspecto romântico e contemplativo em Walden, Thoreau ao caracterizar a atmosfera do local expõe sobre os ventos que passavam por cima de sua morada.

(...) eram dos que varriam as cristas das montanhas, grávidos de fragmentos de melodia, os trechos mais

⁵Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=YfACjJrbHy4> > visualizado em 05/08/2013.

celestiais da música terrena. O vento matutino sopra incessante, e contínuo é o poema da criação, mas poucos são os ouvidos para ouvi-lo. O Olimpo não é mais do que a superfície da terra em toda a extensão (THOREAU, 2007, p.36).

Thoreau explicita que não precisava sair de sua casa para tomar ar, pois a atmosfera interna não perdera nada de seu frescor, nem tanto dentro de casa quanto atrás da porta onde ele se sentava, mesmo no tempo mais chuvoso. Descobriu-se vizinho dos pássaros; não por ter aprisionado um, mas por ter se engaiolado perto deles. Estava mais perto não só daqueles que costumam frequentar o jardim e o pomar, porém dos mais selvagens e mais impressionantes cantores da floresta e que nunca, ou raramente, fazem serenatas às pessoas da aldeia — o tordo, o sabiá, o sanhaço escarlate, o gorrião do campo, o bacurau e muitos outros (THOREAU, 2007). Um ator importante na atmosfera bucólica de Walden é o lago de mesmo nome, onde ele instalou-se à margem, e ao observar o lago a impressão que lhe dava era de uma mancha d'água na parte mais alta da encosta da montanha, com fundo muito mais elevado que a superfície de outro lago, e ao nascer do sol, se via despindo-se de suas roupas noturnas de névoas, e aqui e ali, gradativamente se revelava sua suave ondulação ou sua superfície lisa e polida, enquanto as névoas, feito fantasmas, se retiravam sorratamente em todas as direções dos bosques, como ao encerramento de uma assembleia mística noturna (THOREAU, 2007). Até o orvalho parecia pendurar-se das árvores pelo dia afora além do tempo normal, como nas encostas montanhosas. Em algumas passagens podemos ver a grande admiração de Thoreau pelo lago;

Este pequeno lago tornava-se um vizinho dos mais valiosos nos intervalos das pequenas tempestades de chuva em agosto, quando ar e água ainda perfeitamente calmos sob o céu encoberto, o meio-dia tinha a serenidade do entardecer e o tordo cantava, sua voz atravessando o lago de uma margem à outra. Um lago assim nunca é tão sereno como num tempo desses; por ser baixa e obscurecida pelas nuvens a clara camada de ar sobre ele, a água, cheia de luz e reflexos, torna-se um céu na terra, porém mais solene (THOREAU, 2007, p.37).

Para Thoreau a verdade estava na natureza baseada em princípios. Ele acreditava que podia viver segundo estes princípios. Assim ao elevar a beleza mística da natureza, ele também elevava a beleza mística da vida, sendo, portanto, uma contradição filosófica aos indivíduos continuarem levando a vida no desespero mecânico do cotidiano. Não por acaso construiu sua cabana ao lado do lago Walden onde podia viver de forma simples, contemplando o que a natureza local podia lhe oferecer.

Segundo o mesmo documentário do Discovery Channel **Walden; ou, A Vida nos Bosques (Henry D. Thoreau)** (2012), muitos descobriram o lago Walden ao longo do século XX, ferrovias já cruzavam o local na época de Thoreau, e antes do final do século os trens chegavam lotados. Ironicamente com a morte de Thoreau, o passar do tempo e o sucesso do livro, o progresso foi chegando a Concord destruindo muito de sua idealização, continuando a ser através dos anos um ponto popular, visita obrigatória para qualquer passeio por Concord, seguindo diversões e comodidades que começaram a alterar sua natureza. Nos anos 60 os hippies tiveram Thoreau como seu herói, banhistas enchiam o local o que causava profunda indignação na pacata população local, descobrindo-se depois que o lago tinha o maior nível de urina em todo o estado. O desenvolvimento chegou com os tratores arrancando árvores para uma nova praia, achatando o solo para dar lugar a condomínios. Thoreau escrevera sobre isto: “Se muitos são condenados por molestarem crianças, outros assim o merecem por maltratarem a face da natureza.” (DISCOVERY CIVILIZATION, 2013, 26:20).

Um grupo de cidadãos locais ficaram muitos assustados e montaram uma defesa para o lago de Herry. Ao mesmo tempo em que os jovens iam ao lago, influenciados por Thoreau na tentativa de terem um maior contato com a natureza e se libertarem do sistema, outros indivíduos formavam uma organização civil para defender o lago e a biota local - podendo ser comparado com ativismo ambiental dos tempos atuais. Com o movimento para a preservação de Walden, surgiu também o Instituto Thoreau⁶, que preserva sua obra, sendo um dos objetivos principais do instituto, o ensino da educação ambiental, servindo como fonte de pesquisa no mundo todo via internet (DISCOVERY CIVILIZATION-Walden, 2012). Os problemas ambientais que começaram afetar a pequena Concord e ameaçou a existência do lago Walden, hoje é realidade no mundo todo e não faltam trabalhos retratando essa realidade.

⁶Site do instituto disponível em < <http://www.walden.org/> > Encontrado em 07/08/2013

Segundo Capra (2011), nossa sociedade vive uma profunda crise, existindo varias questões nesta crise como: a crise energética, crime, saúde, pobreza, guerras, poluição e desastres ambientais. Para ele, uma crise de percepção, precisando, pois de um novo paradigma. Para Ulrick Beck (2011), em sua obra **Sociedade de Risco: rumo à outra modernidade** - foi identificado na sociedade dos anos 80 (e ainda nos dias de hoje) indícios de uma profunda transformação na sociedade, sobretudo, da crise ambiental. Beck defende que houve uma ruptura dentro da modernidade afastando-a da sociedade industrial clássica fazendo surgir algo diferente: a sociedade industrial dos riscos. Neste cenário a crise ambiental que vivemos nos dias de hoje representa uma crise da modernidade e por isso, necessitando de reconfiguração, com novas práticas produtivas. Outro sociólogo retrata a modernidade ligando-a à crise ambiental que vivemos hoje, com a obra **As consequências da modernidade**. Antony Giddens (1991) faz uma análise institucional da modernidade, afirmando que as crises que vivenciamos hoje são consequências de uma modernidade e seus processos. Para Giddens, a preocupação com os danos ao meio ambiente está agora difundida e é um foco de atenção para os governos em todo o mundo. Não só o impacto externo, mas também a lógica do desenvolvimento científico e tecnológico sem amarras deverão ser confrontados se for para evitar danos sérios e irreversíveis. A humanização da tecnologia é propensa a envolver a crescente introdução de questões morais na relação agora amplamente “instrumental” entre seres humanos e o meio ambiente criado.

A alienação do mundo natural foi a principal consequência da nascente sociedade industrial da época de Thoreau, explicitando-se na atitude do homem moderno em se validar pelo poder sobre a natureza, transformando-se, sob o impacto da bomba atômica e a ameaça de uma guerra termonuclear. A alienação do mundo natural, tanto para Thoreau, quanto para os jovens pós-segunda guerra, responderam com uma consciência verdadeiramente ecológica, isto é, em prol da vida, da liberdade e consciência onde quer que ela se manifeste. Sentiram que a natureza não pode ser compreendida à parte do desenvolvimento subjetivo do homem, mas um constante movimento dialético (PEÇANHA, 1988). A geração dos anos 60 buscou sair das amarras do sistema predatório através das manifestações políticas e culturais, Thoreau buscou o isolamento, percepção, reflexão e a elevação da consciência dizendo que deve ser habilidade de todos os homens elevarem a vida através do esforço consciente, sendo muito mais glorioso esculpir e pintar a própria atmosfera e o ambiente através do qual vemos e que podemos construir no plano moral, modificando a natureza do dia. Assim o próprio Thoreau justifica sua ida aos bosques;

Fui para os bosques porque pretendia viver deliberadamente, defrontar-me apenas com os fatos essenciais da vida, e ver se podia aprender o que tinha a me ensinar, em vez de descobrir à hora da morte que não tinha vivido. Não desejava viver o que não era vida, a vida sendo tão maravilhosa, nem desejava praticar a resignação, a menos que fosse de todo necessária. Queria viver em profundidade e sugar toda a medula da vida, viver tão vigorosa e espartanamente a ponto de pôr em debandada tudo que não fosse vida (THOREAU, 2007, p.39)

Deste modo a aproximação do pensamento de Henry David Thoreau aos movimentos de juventude dos anos pós-segunda guerra mundial, sobretudo, ao pensamento ecológico, transformado em movimento social, configura-se primeiramente, como uma resistência a sociedade que Thoreau, já em seu tempo, criticava, e que se tornou predatória ao longo dos séculos XIX e XX, gerando a crise ambiental que vivemos nos dias de hoje. Temos a noção que esta crise ameaça a sobrevivência da vida no planeta, precisando, pois, de novos processos, novas ideias, novos projetos de emancipação humana que deve estar associado a um projeto de defesa da natureza (LOUREIRO et al, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi objetivo maior deste texto, aproximar o pensamento de Thoreau a uma categoria importante dos movimentos sociais dos anos 60. Categoria esta, chamada de ambientalismo. Apesar de carregar um romantismo ingênuo e permeado por ideais libertários e pacifistas, essa visão de mundo foi fundamental para a evolução do tema nas diversas esferas da sociedade e sua consequente internalização por parte das instituições sociais de nosso tempo. Visto como um naturalista, Thoreau com seus ideais foi de fundamental importância para o surgimento da inquietação ambiental do pós-guerra.

Este texto é um esforço para iniciar as discussões. Uma tentativa de apontar os laços estreitos entre o ambiental e o social, vistos como fatores interligados somente nos anos 80 do século 20. Neste sentido, “Natureza e Sociedade no pensamento de Thoreau: do transcendentalismo ao ambientalismo”, buscar mostrar que a questão ambiental é puramente uma questão social. Desde a sua gênese filosófica, nos questionamentos de Thoreau sobre sua pequena cidade, o papel da natureza e sua simples vida de intelectual provinciano, até as grandes mudanças sociais do pós-guerra, convulsões sociais, mudanças de paradigmas e surgimento de demandas sociais diversas, entre elas, a ecologia – que ganhava espaço na esfera pública.

Ademais, este trabalho alcança as causas da degradação ambiental e da crise na relação sociedade-natureza. O fato é que essa crise não emergiu apenas de fatores conjunturais ou do instinto perverso da humanidade. É importante avaliar também, diversas variáveis como: sistema econômico e produtivo, modernidade, industrialismo, urbanização, tecnocracia, instituições, mídia e poder, dentre muitas outras – logo, o desejado pensamento transcendente de Thoreau, elevado a pensamento ecológico ou a sociedade sustentável dos dias atuais, supõe uma crítica às relações sociais e de produção.

REFERÊNCIAS

- BECK, U. **Sociedade de Risco: rumo à outra modernidade**. São Paulo: Ed 34, 2010.
- BENEVIDES, D. Professora Diana Benevides; Centro Virtual de Aprendizagem: Literatura Norte-Americana. 2013. Disponível em: < http://www.dianabenevides.praticahost.com/?page_id=16 >. Acesso em: 02/08/2013.
- BRANDÃO, A. C.; DUARTE, M. F.; **Movimentos Culturais de Juventude**. São Paulo: Moderna, 1990.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 2011.
- ESTEVAN, F. H. C.; PESTANA, G. S.; LEAL, T. R. **Ambientalismo: uma perspectiva histórica**. Recife: UFPE, 2008. Disponível em: < http://www.slideshare.net/pedro_s/histria-do-ambientalismo >. Acesso em: 03/08/2013.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HANNIGAN, J. **Sociologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- KALAPALO. Editora. Na natureza selvagem – filme. Encontrado em < <http://www.kalapalo.com.br/index.php/bibliot/na-natureza-selvagem-o-filme/> > Acesso em 04/08/2013
- KRAKAUER, J. Na natureza selvagem; tradução Pedro Maia Soares. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LOUREIRO et al. **Sociedade e Meio Ambiente**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MEDAUAR, Odete. **Coletânea de Legislação Ambiental: Constituição Federal**. São Paulo: RT, 2011.
- MB-SOFT. Transcendentalismo, Transcendência. Encontrado em < <http://www.mb-soft.com/believe/ttxt/transcen.htm> > Acesso em 04/-8/2013
- MORAN, E. F. **Meio Ambiente e Ciências Sociais: interações homem-ambiente e sustentabilidade**. São Paulo: Senac, 2011.
- MOURÃO, R. .R. F. **Hiroshima e Nagasaki: razões para experimentar a nova arma**. São Paulo, 2005.
- MCCORMICK, J. **Rumo ao Paraíso: a história do movimento ambientalista**. tradução de Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Relume-Durnarã, 1992. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/55372947/McCORMICK-John-Rumo-ao-Paraiso-A-historia-dos-movimentos-ambientalistas> >. Acesso em: 28/07/2013.
- PAES, M. H. S. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. São Paulo: Ática, 1992.
- PEÇANHA, D. L. N. **Movimento Bear: abordagem literária, sócio-histórica e psicanalista**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- PBS,ORG. THE AMERICAN RENAISSANCE & TRANSCENDENTALISM. 2013. Disponível em: < <http://www.pbs.org/wnet/ih/as/icon/transcend.html> >. Acesso em: 02/08/2013.
- SCOTTO, G.; CARVALHO, I. C. M.; GUIMARÃES, L. B.; **Desenvolvimento sustentável**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TAVOLARO, S. B. F. **Movimento ambientalista e modernidade: sociabilidade, risco e moral**. Série Selo Universidade. Annablume/Fapesp, 2001.
- THOREAU, H. **Desobedecendo: a desobediência civil e outros escritos**. Apresentação: Fernando Gabeira.; Tradução e introdução: José Augusto Drummond. Rio de Janeiro: Martin Claret, 1986.
- THOREAU, H. D., W., ou, **A vida nos bosques** ; e, A desobediência civil / Henry D. Thoreau; tradução Astrid Cabral. - 7.ed. - São Paulo : Ground, 2007.
- THOREAU, H. D. Biografia: Por Powell,Jim.2009. Disponível em: < <http://www.ordemlivre.org/2009/07/biografia-henry-david-thoreau/> >. Acesso em: 04/08/2013.
- THOREAU, H. D. Documentário Walden; ou, **A Vida nos Bosques**. Discovery Civilization. Encontrado em < <http://www.youtube.com/watch?v=YfAcjJrbHy4> > Acesso em 04/08/2013
- TRANSCENDENTALISM-LEGACY. **The web of American Transcendentalism**. 2013. Disponível em: < <http://transcendentalism-legacy.tamu.edu/> >. Acesso em: 02/08/2013.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Psicologia da Educação: **Educação Ambiental**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/Educa%C3%A7%C3%A3o_Ambiental_** >. Acesso em: 27/07/2013.
- U.S HISTORY: **Pre-columbian to the new millenniun. Transcendentalism, An American Philosophy**, 2013. Disponível em: < <http://www.ushistory.org/us/26f.asp> >. Acesso em: 02/08/2013.
- VEIGA, J. E.. **A emergência socioambiental**. São Paulo: Senac, 2007.